

Do tipo textual ao gênero de texto. A redação no vestibular / *From textual type to textual genre. The essay in the university entrance exam*

*Maria Helena Cruz Pistori**

RESUMO

Os atuais documentos oficiais elaborados pelo Ministério da Educação no Brasil têm preconizado o ensino da produção textual por meio do *gênero - discursivo* ou *textual*. Seguindo essa linha, o exame vestibular de ingresso a uma das maiores universidades paulistas de 2011 também solicitou dos candidatos a elaboração de três textos, de diferentes gêneros. Com o objetivo de verificar que horizontes teórico-metodológicos fundamentaram a elaboração daquele exame, analisamos os textos do (1) Manual do Candidato, da (2) Prova de redação e da (3) Expectativa da banca. Nosso parâmetro teórico é o conceito de gênero discursivo conforme desenvolvido pelos membros do Círculo de Bakhtin desde 1920. Observamos, então, como essa nova proposta visa avaliar as características que a Universidade espera encontrar em cada um de seus alunos; como utiliza o arsenal teórico nos textos analisados e como garante a avaliação da capacidade argumentativa dos candidatos. Finalmente, sugerimos a possibilidade de trabalho com o gênero “dissertação escolar”.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo; Produção de texto; Vestibular; Argumentação; Bakhtin

ABSTRACT

Today's official documents drawn up by the Ministry of Education in Brazil have advocated that textual production should be taught by the concepts of speech genre or textual genre. Following this guideline, the 2011 edition of the entrance exam, vestibular, of one of the most important universities in the state of São Paulo, Brazil, asked its candidates to write three texts, each one belonging to a different genre. In order to verify the theoretical-methodological horizons that motivated the elaboration of that exam, we analyzed the texts of (1) the candidate's guidelines, (2) the examination essay and (3) the expectations set by the examiners. Our theoretical perspective is the concept of discursive genre as developed by the members of the Bakhtin Circle since 1920. Then, we observe how this new proposal aims at evaluating the characteristics that the University expects to find in each one of its students; how the theoretical perspectives are used in the analyzed texts and how the assessment of the candidates' argumentative ability is ensured. Finally, we suggest the possibility of working with the genre "scholar essay".

KEYWORDS: *Speech Genre; Text production; Vestibular; Argumentation; Bakhtin*

*Pós-doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; FAPESP; mhcpist@uol.com.br

No ensino de língua portuguesa, o discurso pedagógico atual tem se apropriado largamente da noção de *gênero do discurso* ou *gênero textual*. Em relação ao ensino médio, que aqui nos interessa, o trabalho com *gêneros* é recomendado nos documentos oficiais que, a partir da reforma de 1996, orientam e fornecem parâmetros curriculares, especialmente no que se refere ao ensino de língua e linguagens. O acolhimento “inflacionado” (FARACO, 2009) ao conceito tem sido amplo e sua aceitação e divulgação frequentemente é vista como solução dos problemas que temos enfrentado no ensino/aprendizagem, o que se comprova não apenas nos Parâmetros e Orientações Curriculares, mas também nos materiais didáticos. Verifica-se ainda essa tendência entre os grandes vestibulares nacionais: por exemplo, a partir de 2011, uma das grandes universidades paulistas modificou o modo de solicitar a redação do candidato, propondo-lhe agora a produção de textos de diferentes gêneros. De modo geral, isso significa que, de um trabalho com redação que se realizava predominantemente a partir da noção de *tipo* textual – a descrição, a narração e a dissertação, a escola passa ao trabalho com os gêneros, ainda que permaneça certa confusão relativa à especificidade do conceito, inclusive em sua denominação - gêneros *discursivos* ou *textuais*.

Bakhtin nos ensina que aprendemos a falar a língua materna moldando “nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras...” (2006, p.283); como podemos ver, essa provavelmente é uma mudança positiva na orientação curricular. Por isso, consideramos importante que haja contribuições diversas relativas à compreensão do conceito e a seu emprego pedagógico, para que seu potencial no ensino da língua (e das linguagens) seja bem aproveitado, levando o dinamismo da realidade linguística para a sala de aula, aproximando escola e vida e propiciando ao aluno “viver e compreender de forma crítica seu tempo”, conforme os propósitos educacionais defendidos pelas orientações para o ensino médio (BRASIL, 2006).

De fato, a noção de gêneros do discurso¹ (ou textual) insere-se numa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, adotada nos documentos oficiais: os *Parâmetros*

¹ Não vamos aprofundar a questão. Apenas lembramos que, na teoria bakhtiniana, o foco é o discurso, “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2008, p.207).

curriculares de Língua Portuguesa, de 1999; as *Orientações educacionais complementares* que se seguiram a eles, os PCN+ (BRASIL, 2002); e também o documento posterior *Orientações curriculares para o ensino médio* (OCEM, BRASIL, 2006), lançado pelo Ministério da Educação em 2006². Ao apontar as possibilidades de atribuição de sentidos na inter-relação entre as dimensões linguística, textual e sociopragmática, este último documento afirma que

o objetivo foi [...] mostrar a necessidade de que o estudo dos usos da língua e das formas de manifestação da linguagem fundamente-se na reflexão sobre a relação entre produção, recepção e circulação de sentidos em diferentes esferas sociais e em diferentes formas de interação (BRASIL, 2006, p. 42).

Sem dúvida, a proposta de trabalho com gêneros discursivos/textuais permite à escola não apenas a contextualização e a mobilização do saber acumulado – os conteúdos a serem transmitidos aos alunos, mas a visibilidade de sua *pertinência* na vida cotidiana. Além disso, concordamos com Rojo (2008, p.85) ao afirmar que “diferentemente da noção de *tipo*, a de *gênero*, em princípio, favorece um tratamento mais flexível da forma e do estilo e o diálogo entre linguagens e vozes na construção dos sentidos. É mais resistente, em princípio, à gramaticalização”. E isso ocorre porque, especialmente em relação à língua portuguesa, os documentos recomendam como unidade preferencial de estudo a busca de sentidos dos *textos* em sua produção, circulação e recepção. Na realidade, os documentos oficiais ampliam a visão de texto, não os restringem unicamente aos verbais, em língua escrita ou falada, mas englobam também os que se expressam por meio de outras linguagens³ (um quadro, uma dança, uma partida esportiva, o hipertexto...); destacam que o “texto passa a ser visto como uma totalidade que só alcança esse *status* por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor”; e ressaltam ainda que “essa nova perspectiva passa a ser essencial para o amplo desenvolvimento dos estudos dos gêneros

² Segundo as OCEM (BRASIL, 2006), a abordagem de língua e linguagem adotada no documento baseia-se no interacionismo: “os estudos desenvolvidos por essa vertente no escopo da Linguística, os quais envolvem estudiosos como Hymes, e na Filosofia da Linguagem, como Bakhtin, na Etnometodologia e Sociologia, como Goffman, na Psicologia, como Bronckart e na educação, como Schneuwly, quanto aos que se encontram no âmbito da Psicopedagogia do Desenvolvimento, como é o caso de Vygotsky e seus seguidores” (p.23).

³ Nas propostas atuais, busca-se que o aluno do ensino médio torne-se proficiente nos múltiplos letramentos.

discursivos no momento atual” (BRASIL, 2006, p.21). A definição abaixo mostra de forma bem clara essa inter-relação texto e gênero:

Texto é um todo significativo e articulado, verbal ou não verbal.
O texto verbal pode assumir *diferentes feições*, conforme a *abordagem temática, a estrutura composicional, os traços estilísticos do autor* – conjunto que constitui o *conceito de gênero textual* (BRASIL, 2002, p.60. Sem itálicos no original).

Estão aí presentes os conhecidos parâmetros bakhtinianos para se reconhecer o gênero: tema, composição e estilo, ressoando os ensinamentos encontrados no ensaio de 1951-1953, Os gêneros do discurso (2006, p.261-306), inserido na coletânea publicada na Rússia pela primeira vez em 1979 e traduzida no Brasil como *Estética da criação verbal*:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (2006, p.261-2).

Mais adiante o documento (BRASIL, 2002) é ainda mais específico na retomada daqueles conceitos do Círculo: “os textos se materializam em *gêneros*, tomando-se como pilares seus aspectos *temático, composicional e estilístico*” (sem itálicos no original), e vai dar exemplos de gêneros na literatura, no jornalismo, nas ciências, na publicidade, no direito, ao preconizar claramente as vantagens do trabalho com a abordagem de gêneros e o abandono do

tradicional esquema das estruturas textuais no ensino da produção textual – *narração, descrição, dissertação*, para adotar a perspectiva de que a escola deve incorporar em sua prática os *gêneros*, ficcionais ou não ficcionais, que circulam socialmente (BRASIL, 2002, p.77).

É sabido que o conceito de gênero é fulcral nos estudos do Círculo de Bakhtin. Mais ainda, o ensaio publicado em 1979, o mais conhecido e muitas vezes tomado como único, pode ser considerado praticamente a retomada e sistematização de todo um pensamento desenvolvido pelo grupo ao longo de cinco décadas, conforme atestam, ao menos, os seguintes textos: Os elementos da construção artística, em *O método formal nos estudos literários*, assinado P. N. Medvedev, de 1928; o segundo e o sexto capítulos de *Marxismo e filosofia da linguagem* de 1929 - Relação entre a infraestrutura e as superestruturas e A interação verbal; O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária, escrito entre 1923/1924 e O discurso no romance, produzido entre 1934-1941, ambos inseridos em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, originalmente publicado em 1975; o capítulo Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski, da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, publicação revisada em 1963 de *Problemas da obra de Dostoiévski*, de 1929 (Cf. BRAIT; PISTORI, 2012).

Para o Círculo de Bakhtin, o gênero organiza o enunciado, de forma tensa, do interior e do exterior do discurso, estabelecendo um nexos e uma inter-relação indissolúveis entre o verbal e o extraverbal do enunciado. A cultura, a historicidade e a tradição do gênero promovem sua relação com a organização da vida social, o espaço e o tempo. Isso se expressa no conteúdo *temático*, pois cada grupo de temas está ligado a determinadas esferas de atividades⁴. Entre as características estruturais do enunciado, a *forma composicional* atende, em primeiro lugar, à necessária *alternância* dos sujeitos falantes; em segundo, ao *acabamento* específico do enunciado, determinado pela possibilidade de responder do outro e pressuposto o tratamento exaustivo do objeto do sentido, o querer-dizer do locutor e as formas típicas de estruturação de acabamento do gênero; e, em terceiro lugar, à particularidade constitutiva⁵ do enunciado, quer dizer o modo como se dá a relação do enunciado com o próprio locutor e com os outros

⁴ É preciso lembrar que o tema transcende a língua: é apreendido da totalidade do enunciado. Cada gênero abarca apenas determinados aspectos da realidade, propiciando dela uma visão particular. Assim, há uma unidade orgânica entre o tema e aquilo que lhe é exterior (MEDVEDEV, p.211-212), as condições específicas do enunciado, as atividades (p.19); discursivas, as práticas sociais. E cada grupo de temas está ligado a determinados “atos de fala, a formas de comunicação pertencentes a um mesmo gênero (VOLOSHINOV, 1981, p.39-47).

⁵“A maioria dos livros [didáticos] dá atenção à forma ao invés de trabalhar com os gêneros enquanto objetos de ensino”, crítica Roxane Rojo. <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/016359.shtml>> Acesso em: junho de 2011.

parceiros da comunicação verbal (essa relação é sempre fundamentada na compreensão responsiva e ativa do enunciado). O gênero dá forma à obra, e seus elementos estruturais só podem ser compreendidos em conjunto e na relação com o gênero. Também quanto ao *estilo*, é importante lembrar que, segundo o Círculo, no próprio estilo individual reconhece-se o estilo do gênero. É o estilo – do gênero e individual – o responsável pela seleção dos elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, organizando-os numa construção composicional. Quer dizer, as formas da língua estão orgânica e indissolivelmente ligadas ao estilo dos gêneros.

Não é objetivo deste artigo, porém, aprofundar a concepção bakhtiniana de gênero nem tampouco rastrear aquela presente nos documentos oficiais, trabalho competentemente já realizado por outros autores (cf. ROJO, 2008; ROCHA, 2010, entre outros). No entanto, podemos perceber na bibliografia e nos próprios conceitos utilizados nos documentos oficiais que a visão bakhtiniana de gênero é apenas uma entre as noções apresentadas. Nas palavras de Rojo (2008, p.86), os documentos “revozeiam tanto as teorias textuais, como a obra bakhtiniana e a abordagem didática dos gêneros textuais da Equipe de Didática de Línguas da Universidade de Genebra (SCHNEUWLY & DOLZ), afiliada ao interacionismo sócio-discursivo, dentre outras vertentes...”.

É nesse contexto mais amplo, que envolve o diálogo entre os documentos oficiais de ensino e as percepções teóricas bakhtiniana e outras (nem sempre coesas – cabe lembrar que as OCEM (BRASIL, 2006) fazem menção a “eventuais conflitos e mal-entendidos entre os interlocutores”), que se insere este artigo: visamos observar o funcionamento e a aplicação da noção de gênero no vestibular de 2011⁶ da Universidade Estadual Paulista/Unicamp, um dos primeiros grandes exames nacionais de seleção para a universidade em que as produções textuais solicitadas foram acompanhadas pela especificação do gênero a que deveriam pertencer. Tomamos para a análise três textos, todos acessíveis aos candidatos e também ao grande público: (1) o Manual do

⁶ O Vestibular 2012 – Unicamp seguiu a mesma linha, novamente solicitando três textos: um comentário para ser “postado” em um fórum de discussões na internet; um manifesto redigido na modalidade oral formal, com o tema relacionado às redes sociais, e um verbete que explicasse o significado do termo “computação em nuvem”. Segundo o coordenador da Comvest - Comissão Permanente para os Vestibulares, Maurício Kleinke, “As redações foram todas contextualizadas no universo dos concorrentes; esse é um ponto muito positivo do vestibular da Unicamp”.
<<http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2011/11/14/vestibular-2012-prova-da-primeira-fase-resgata-universo-do-candidato>> Acesso em: fevereiro de 2012.

Candidato; (2) as propostas de redação do Vestibular 2011; e (3) as expectativas da banca em relação à prova.

De início, nosso objetivo é a verificação do diálogo teórico-metodológico desses textos com os textos bakhtinianos, especialmente em termos do que se solicita quanto a: (i) proposição de uma situação, em seu contexto mais amplo e no mais imediato - uma esfera de atividade humana/ideológica/discursiva, relacionada com a finalidade do texto a ser produzido; (ii) identificação dos parceiros da comunicação verbal; (iii) apresentação dos elementos de tema/composição/estilo (seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua) - *esperados, solicitados e a serem avaliados* – todos, segundo a visão bakhtiniana, indissolivelmente ligados. Em seguida, realizamos uma breve análise da proposta, levando em conta, sobretudo, os parâmetros bakhtinianos definidores de gênero mais (re)conhecidos: tema, composição e estilo. Finalmente, fazemos algumas considerações e sugestões em torno da argumentatividade das produções solicitadas e as capacidades requeridas pela universidade. Passemos aos textos.

1 Apresentando o material

1. 1 Manual do Candidato

Objetivos e Características - Vestibular 2011⁷

A Unicamp busca estudantes que consigam organizar suas idéias e expressar-se com clareza.

O Vestibular Nacional da Unicamp classifica e seleciona candidatos para a matrícula inicial na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e nos cursos de Medicina e Enfermagem da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp).

O Vestibular Nacional da Unicamp avalia a aptidão e o potencial dos candidatos para o curso em que pretendem ingressar e sua capacidade de:

- expressar-se com clareza;
- organizar suas idéias;
- estabelecer relações;
- interpretar dados e fatos;
- elaborar hipóteses;
- dominar os conteúdos das áreas do conhecimento desenvolvidas no ensino médio.

⁷ <<http://www.comvest.unicamp.br/vest2011/manual/objetivos.html>> Acesso em: junho/2011.

Nas páginas seguintes, você encontra as informações necessárias para saber de que maneira o Vestibular Nacional da Unicamp avalia seus candidatos.

Observamos que o Manual se inicia com a apresentação dos objetivos e características do Vestibular 2011 e, já no primeiro parágrafo, destaca a necessidade de que o candidato consiga “organizar suas ideias e expressar-se com clareza”, refletindo a importância que será atribuída à produção textual no exame. Em seguida, ao tratar da aptidão e do potencial requerido dos candidatos, novamente destaca aquelas mesmas capacidades, “expressar-se com clareza; organizar suas idéias”, acrescidas agora de outras: “estabelecer relações; interpretar dados e fatos; elaborar hipóteses; dominar os conteúdos das áreas do conhecimento desenvolvidas no ensino médio”. Como podemos constatar, com exceção do último item, todos os demais se relacionam à habilidade e capacidade de produção textual.

Ainda no Manual, há orientação quanto à prova de redação, conforme transcrevemos abaixo:

A prova de Redação, composta de três tarefas obrigatórias, leva em conta muito mais que o conhecimento da modalidade culta da língua. É um instrumento de avaliação da forma de escrever sobre um determinado assunto, e escrever implica processos de leitura e de elaboração de argumentos a partir de *uma determinada situação*. Cada proposta é acompanhada por instruções específicas que delineiam o *propósito* e o *gênero* do texto a ser elaborado com indicações dos *interlocutores* em jogo. Essas instruções devem ser rigorosamente seguidas. Cada proposta é acompanhada também de texto(s) para leitura que serve(m) de subsídio para sua elaboração.

Para que um texto se configure como bom, é preciso que o autor tenha uma experiência de leitura, que delineie um *projeto* de texto em função de um objetivo específico e o formule através da escrita. Nesse sentido, os parâmetros de avaliação de uma redação são as próprias *condições de produção* que lhe são fornecidas: o *gênero* e a *interlocução* que lhe é própria, o *propósito* (o *tema*, a *motivação* da escrita, as instruções que recortam esse tema de modo específico), a leitura, e a articulação escrita (modalidade/coesão).

Assim, o candidato, em relação:

- 1) à leitura: deve elaborar pontos de contato com a leitura do(s) texto(s) fornecido(s). Deve mostrar a relevância desses pontos para o seu *projeto* de texto e não simplesmente reproduzir o(s) texto(s) ou partes do(s) mesmo(s) em forma de colagem, sem elaboração dos elementos selecionados.
- 2) ao *propósito*: deve elaborar um texto que atenda ao propósito solicitado.

3) ao *gênero* e *interlocução*: deve elaborar seu projeto de texto de acordo com as características do gênero solicitado e dos interlocutores nele implicados.

4) à *articulação escrita*: deve elaborar um texto cuja leitura seja fluida e envolvente, resultante de uma estruturação sintático-semântica bem articulada pelos recursos coesivos. Deve, ainda, demonstrar o domínio de um conjunto lexical amplo e do padrão normativo das regras de acentuação, ortografia, concordância verbo-nominal, entre outras. (Sem itálicos no original)

Nesses excertos, o diálogo teórico-metodológico com os textos bakhtinianos, apresenta-se especialmente em termos do que será solicitado na prova quanto a: (i) a proposição de determinada esfera de atividade humana (a “situação” a partir da qual se deverá elaborar o texto), mas não há referência a um contexto mais amplo, apenas ao mais imediato, e suas relações com a finalidade de cada texto (o “propósito” da produção textual solicitada); (ii) a identificação dos parceiros da comunicação verbal de acordo com o gênero; (iii) os elementos de tema/composição/estilo (seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua, que podem ser deduzidos a partir do item “articulação escrita”). Nesse item, porém, perguntamo-nos: seria possível pensar numa “estruturação sintático-semântica bem articulada pelos recursos coesivos” que pudesse ser proposta de modo geral, sem atenção ao gênero, às finalidades de cada texto? A mesma dúvida em relação ao “domínio de um conjunto lexical amplo e do padrão normativo das regras de acentuação, ortografia, concordância verbo-nominal” que, com certeza, difere muito de um gênero para outro. Não seria já o momento de se esclarecer que tanto o léxico quanto os padrões normativos gramaticais, nos textos produzidos, devem ser adequados à situação de interlocução? Com toda certeza, a presença dos recursos coesivos num artigo de opinião, num discurso na modalidade oral ou num fórum de discussões na *web* são bem diferentes, assim como a necessidade de atendimento às regras de acentuação, ortografia, concordância...

1.2 A prova de redação

Conforme anunciado no Manual, foi solicitada a elaboração de três “tarefas obrigatórias” de produção textual, três gêneros diferentes⁸. A primeira foi o comentário

⁸ <http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2012/download/comentadas/redacao.pdf> Acesso em: junho de 2011.

em um *site*; a segunda, um discurso de apresentação de evento escolar; a terceira, um artigo de opinião:

TEXTO 1

Imagine-se como um jovem que, navegando pelo *site* da MTV, se depara com o gráfico “Os valores de uma geração” da pesquisa *Dossiê MTV Universo Jovem*, e resolve comentar os dados apresentados, por meio do “fale conosco” da emissora. Nesse comentário, você, necessariamente, deverá:

- a) comparar os três anos pesquisados, indicando dois (2) valores relativamente estáveis e duas (2) mudanças significativas de valores;
- b) manifestar-se no sentido de reconhecer-se ou não no perfil revelado pela pesquisa.

Segue o gráfico.

TEXTO 2

Coloque-se no lugar de um líder de grêmio estudantil que tem recebido reclamações dos colegas sobre o ensino de ciências em sua escola e que, depois de ler a entrevista com Tatiana Nahas na revista de divulgação científica *Ciência Hoje*, decide convidá-la a dar uma palestra para os alunos e professores da escola. Escreva um discurso de apresentação do evento, adequado à modalidade oral formal. Você, necessariamente, deverá:

- a) apresentar um diagnóstico com três (3) problemas do ensino de ciências em sua escola; e
- b) justificar a presença da convidada, mostrando em que medida as ideias por ela expressas na entrevista podem oferecer subsídios para a superação dos problemas diagnosticados.

Segue a entrevista.

TEXTO 3

Coloque-se na posição de um articulista que, ao fazer uma pesquisa sobre as recentes catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, encontra a crônica de Drummond, publicada em 1966, e decide dialogar com ela em um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, publicada em revista de grande circulação. Nesse artigo você, necessariamente, deverá:

- a) relacionar três (3) problemas enfrentados recentemente pelas cidades brasileiras em função das chuvas com aqueles trabalhados na crônica;
- b) mostrar em que medida concorda com a visão do cronista sobre a questão.

Segue a crônica de Drummond: Os dias escuros, publicada no *Correio da Manhã*, 14/01/1966.

Para as três tarefas foram apresentados textos que indicavam a situação “mais imediata” em que o gênero solicitado deveria se inserir e sua finalidade; locutor e interlocutor(es) na produção do texto de um modo geral; o tema e a necessidade de um

posicionamento axiológico ante ele. Em nenhuma das comandas há indicações quanto à forma composicional do texto, mas podemos afirmar que a estrutura de “artigos de opinião” seja mais conhecida, considerando que é um gênero trabalhado há mais tempo pela escola, cuja estrutura argumentativa pode se aproximar do conhecido tipo textual “dissertação”. Quanto ao estilo, na segunda tarefa, foi especificada a exigência de que o discurso fosse escrito na “modalidade oral formal”. Na realidade, não está prevista uma articulação entre as características coercitivas das situações em que se inserem os gêneros solicitados e o estilo no qual o candidato deve produzir seu texto. Assim, se no Manual questionamos o último item, que tratava da “articulação escrita”, agora constatamos que não se esclarece a relação necessária entre a situação de interlocução – as esferas de atividade humana (também as esferas discursivas e ideológicas), os (vários) interlocutores e o texto a ser produzido, cuja leitura deve ser “fluida e envolvente, resultante de uma estruturação sintático-semântica bem articulada pelos recursos coesivos”. Ou, ainda, a necessidade de “domínio de um conjunto lexical amplo e do padrão normativo das regras de acentuação, ortografia, concordância verbo-nominal, entre outras” em relação aos gêneros propostos. Se, na segunda tarefa, há a referência à “modalidade oral formal”, a nosso ver, ela apenas torna a proposta mais artificial, na medida em que o texto será escrito. Além disso, se se prepara um “discurso de apresentação do evento, adequado à modalidade oral formal”, o texto esperado poderia, por exemplo, estruturar-se apenas dos tópicos que seriam abordados oralmente... Mas vejamos as expectativas da banca.

1. 3 Expectativas da banca de Redação

TEXTO 1⁹

Espera-se que o candidato se coloque na posição de um jovem que se vê motivado a comentar o gráfico “Os valores de uma geração” por meio do canal “fale conosco” do *site* da Emissora *MTV*. O enunciador desse comentário é, portanto, um jovem que tem como interlocutor a responsável pela pesquisa, no caso, a *Emissora MTV*. A identificação ou não com o perfil revelado pela pesquisa deve ser explicitada, uma vez que é a motivação do comentário. Esse comentário deve necessariamente ser baseado na comparação entre os três anos da pesquisa *Dossiê MTV Universo Jovem* (1999, 2005 e 2008), levando em conta dois valores relativamente estáveis e duas mudanças significativas. Os valores relativamente estáveis que mais se evidenciam na leitura do gráfico são aqueles indicados por K (ter uma

⁹ <http://www.comvest.unicamp.br/vest2011/F1/redacao_expectativas.pdf> Acesso em: junho de 2011.

carreira, uma profissão, um emprego) e D (beleza física/ser bonito). Podem ainda ser considerados relativamente estáveis os valores I, A, H, C, G e E. Quanto às mudanças significativas, destacam-se: a queda nos valores indicados por B (divertir-se, aproveitar a vida) e J (ter amigos); e a elevação do valor indicado por F (ter independência financeira/ter mais dinheiro do que já tem). Além desses elementos, pode-se considerar, para a composição do perfil do jovem de 2008, o fato de o valor K ser altamente reconhecido (mais de 50% dos entrevistados), ao contrário do valor D (bem menos de 50% dos entrevistados).

TEXTO 2

Espera-se que o candidato se coloque na posição de um líder de grêmio estudantil que tem recebido reclamações dos colegas sobre o ensino de ciências em sua escola e por isso convida a bióloga, professora, tuiteira e blogueira Tatiana Nahas para dar uma palestra a seus colegas e professores. Essa motivação deve nortear o texto de apresentação do evento, configurando-se como justificativa para sua realização. O enunciador desse texto é, portanto, um representante estudantil e os interlocutores são os alunos e professores de sua escola. Essa apresentação, marcada, necessariamente, pela modalidade oral formal, deve relatar três problemas do ensino de ciências que podem ou não ser inferidos da própria entrevista que serve de base para esta proposta. Além disso, a presença da palestrante deve ser justificada, mostrando-se de que maneira as ideias por ela expressas na entrevista podem apontar soluções para a superação dos problemas diagnosticados. São exemplos de soluções: o estímulo às habilidades de relacionar, interpretar, extrapolar, criar; a utilização de novos recursos tecnológicos (a exemplo da internet) como auxiliares nas aulas; a valorização da história da ciência na sala de aula; a ênfase na dimensão coletiva da produção científica e a explicitação das controvérsias e percalços que marcam sua história.

TEXTO 3

Espera-se que o candidato se coloque na posição de um articulista que faz um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, a ser publicado em uma revista de grande circulação. Esse artigo, que trata das recentes catástrofes decorrentes das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, dialoga com a crônica de Drummond, publicada em 1966. O enunciador desse artigo é, portanto, um jornalista que tem como interlocutores os leitores dessa revista. Esse texto jornalístico precisa identificar três problemas enfrentados hoje, pelas cidades brasileiras, em decorrência das chuvas, buscando relacioná-los com aqueles mencionados na crônica. Como exemplos de problemas afins, podem-se identificar: mortes, perdas materiais e simbólicas, sentimento de desamparo dos desabrigados, precariedade das moradias, interrupção dos serviços essenciais, falta de infraestrutura, insuficiência de serviços assistenciais, omissão do governo contrabalançada pela solidariedade da população, etc. De maneira geral, pode-se realçar a atualidade da crônica de Drummond, apesar de já terem se passado 44 anos. Além disso, o articulista deve demonstrar em que medida seu ponto de vista coincide ou não com o

de Drummond. Esse ponto de vista é caracterizado, de um lado, pelo sentimento de desconforto e culpa de quem não foi atingido diretamente pelas chuvas e, de outro lado, por um misto de crítica e desencanto com a persistência dessas tragédias, em consequência da omissão dos governos e das contradições sociais que marcam, emblematicamente, a cidade do Rio de Janeiro, “tão rica de galas e bens supérfluos e tão miserável em sua infraestrutura”. Essa reflexão deve ser expandida para as cidades brasileiras em geral, podendo, ainda, destacar um caso exemplar de uma cidade específica.

Nas expectativas que a banca publicou em relação às três tarefas, sempre alude à situação de interlocução mais imediata, aos interlocutores, à finalidade do texto e à necessária justificação da posição axiológica assumida pelo candidato. A maior parte das expectativas, porém, refere-se ao conteúdo esperado nos textos: na primeira tarefa, as diferentes formas de leitura do gráfico e as possibilidades de posicionamento perante ele estão presentes nos dois parágrafos; na segunda tarefa, a única em que poderíamos afirmar haver alguma orientação quanto ao estilo e sua relação com o gênero, essa questão é apenas tangenciada: “Essa apresentação, marcada, necessariamente, pela modalidade oral formal...”. Novamente as expectativas se concentram predominantemente no conteúdo: “... deve relatar três problemas do ensino de ciências...” [...] São exemplos de soluções...” Quanto à produção do texto 3, também há vários exemplos de que ideias podem ser expressas a partir do artigo de Drummond, e como podem ser organizadas, relacionadas, que interpretações são válidas em relação aos fatos, que hipóteses podem ser levantadas. De modo geral, não se aborda a questão da estrutura composicional dos textos, nem do estilo – a variedade de língua aceita no site, por exemplo.

2 Analisando brevemente o material

Neste item, vamos circunscrever nossa análise a duas questões: os conhecidos parâmetros definidores de um gênero - tema, composição e estilo, sem nos preocuparmos com os demais elementos coercitivos nas produções dos textos propostos, todos eles indissolúvelmente ligados às esferas sociais em que circulam, segundo a

teoria do Círculo de Bakhtin¹⁰; e a relação entre a argumentatividade requerida nos textos e o perfil de candidato que a universidade espera, conforme descrito no Manual.

Lembremos, de início, que o *tema* transcende a língua, é apreendido da totalidade do enunciado. Assim, há uma unidade orgânica entre o tema e aquilo que lhe é exterior (MEDVEDEV, p.211-212), as condições específicas do enunciado, as atividades discursivas, as práticas sociais. A redação no vestibular lida com o desafio de sua própria condição de produção: como recuperar/retomar condições “reais” de produção/circulação/recepção dos textos que propõe? Em que medida a prova tem realmente a possibilidade de fornecer o exterior do discurso que organiza o interior do enunciado - a redação solicitada? Como escapar do artificialismo das propostas de produção textual, quando o que se pretende avaliar é a capacidade de expressão verbal clara e organizada, de estabelecimento de relações e elaboração de hipóteses, de interpretação de dados e fatos na elaboração de um texto? Nas expectativas da banca, são listadas várias possibilidades de leitura e interpretação dos dados fornecidos na prova; isso seria o conteúdo dos enunciados produzidos. Mas essas possibilidades não constituem o tema do comentário no site, do discurso oral ou do artigo de opinião produzidos pelos candidatos, pois, no vestibular, o esperado posicionamento axiológico subordina-se tanto à comprovação daquelas qualidades, como, ainda, ao leitor/corretor da prova previsto pelo candidato; é o exterior que organiza o interior.

Quanto à *estrutura composicional* e o *estilo*. O estilo seleciona os elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, organizando-os numa construção composicional. Ainda que haja um estreito vínculo entre estilo, unidades temáticas e esferas ideológicas, geradoras dos valores sociais expressos na entonação apreciativa do enunciado, podemos afirmar que as exigências estilísticas, tanto do gênero quanto as individuais, também estão referidas predominantemente no Manual do Candidato, em especial no item que trata da “articulação escrita”: “Deve, ainda, demonstrar o domínio de um conjunto lexical amplo e do padrão normativo das regras de acentuação, ortografia, concordância verbo-nominal, entre outras”.

¹⁰ Por exemplo, de acordo com a teoria do Círculo, poderíamos tratar da falta de uma contextualização mais ampla para a produção dos textos propostos no vestibular/Unicamp 2011, ou de uma definição mais acurada do site da Emissora, com os tipos de comentários que nele são postados, ou ainda das características do público leitor...

Em termos da teoria bakhtiniana, o estilo individual está orgânica e indissolúvelmente ligado ao estilo do gênero. E, segundo o Círculo, a classificação “pobre e indiferenciada” dos estilos de língua se deve a não compreensão dessa unidade *língua, gênero e campos de atividade humana*¹¹. Considerando a importância dessa questão, a prova deveria deixar claro para o candidato que o “padrão normativo”, mesmo da escrita, nem sempre é o mesmo: afinal, facilmente constatamos que o padrão de escrita num site, num discurso “oral” e num artigo de opinião é diferente, e mostra variedades da língua intimamente ligadas a cada um desses enunciados.

O gênero dá forma à obra, e seus elementos estruturais só podem ser compreendidos em conjunto e na relação com o gênero. O vestibular da Unicamp não faz, em nenhum momento, referência à forma composicional dos textos que solicita. Nem nas expectativas da banca há qualquer referência à estrutura composicional dos textos (também não havia nos vestibulares anteriores). Poderíamos, talvez, admitir que o Manual exige que sejam bem estruturados, na medida em que a articulação escrita deve demonstrar uma “estruturação sintático-semântica bem articulada pelos recursos coesivos”. Ainda assim, é uma mudança grande em relação às *dissertações e narrativas* anteriores, cuja estrutura fixa, ou fixada no ensino, era ensinada/aprendida pelos alunos. Ao mesmo tempo, presume-se que a *forma composicional* desses novos gêneros solicitados seja do conhecimento dos candidatos...

Apenas como exemplo, outra questão pode ainda ser levantada: um dos gêneros solicitados é o *comentário* num *site*. Ora, é só observarmos alguns sites ou fóruns de discussão da *web* para constatar a heterogeneidade de suas “formas composicionais” e “estilos”. Seria possível supor, pela seriedade da pesquisa apresentada no gráfico, que o internauta que vai comentá-la se expressará de maneira “articulada”, obedecendo ao “padrão normativo das regras de acentuação, ortografia, concordância verbo-nominal, entre outras”? Ou apenas que o candidato vai obedecer à coerção da prática social “vestibular”, historicamente arraigada às nossas tradições sociais, independentemente do gênero solicitado? Além disso, uma rápida consulta ao site¹² revela-nos que a pesquisa (“estudos”) se dirige a “todos que desenvolvem projetos ou trabalham com o

¹¹ Diz Bakhtin (1993, p.97) que os gêneros, assim como as profissões e as camadas sociais, determinam a “estratificação linguística”, que impõe à língua “nuanças de sentido preciso e tons de valores definidos” (p.98).

¹² <<http://mtv.uol.com.br/dossie/programa>> Acesso em: junho/2011 e fevereiro/2012.

jovem brasileiro”; para consultá-la, ou saber mais sobre o “Dossiê MTV Universo Jovem”, é necessário preencher um formulário a fim de que a equipe entre em contato com o interessado, não há espaço para livres comentários do interlocutor. Temos, então, novamente o difícil problema do artificialismo das propostas de redação, agora na solicitação de gêneros.

Com toda certeza, é algo com que se costuma trabalhar na escola, os livros didáticos costumam recortar os conteúdos de seus contextos mais imediatos, muitas vezes apenas dando a informação do local onde se encontram...¹³ São artifícios que, infelizmente, afastam a escola da vida. No entanto, a nosso ver, não seria essa a proposta dos documentos oficiais ao propor o trabalho com gêneros; ou, ao menos, não seria essa a proposta mais produtiva...

Quanto à requerida capacidade argumentativa dos candidatos, inferida pelas características do candidato listadas no Manual, na medida em que afirma que “escrever implica processo de leitura e de elaboração de argumentos”, devemos notar a adequação dos textos que subsidiam cada uma das tarefas: o gráfico, a entrevista e o artigo de Drummond. Sua leitura proficiente realmente pode fornecer “subsídio para elaboração” dos textos e indicam – sem restringir – possibilidades argumentativas para sua elaboração, demandando ainda dos candidatos a sua organização, o estabelecimento de relações, interpretações de dados e fatos e elaboração de hipóteses. Isso, porém, não é novidade; o Manual do Candidato do ano anterior, 2010¹⁴, buscava um aluno exatamente com as mesmas capacidades, e a solicitação era a produção de um *tipo* textual: um texto *dissertativo*, ou um texto *narrativo*, ou uma *carta*, em que se destacava a necessidade de uma interlocução sólida na construção de uma *argumentação*:

A prova de redação, composta de três propostas, é um instrumento de avaliação de sua forma de escrever sobre um determinado assunto, e escrever implica processos de leitura e de elaboração de *argumentos* a partir de uma determinada situação. Cada proposta é acompanhada por instruções específicas que delinham o recorte temático e indicam o *tipo de texto* que deve ser elaborado (Sem itálicos no original).

¹³ Cf. Rocha, 2011.

¹⁴ <<http://www.comvest.unicamp.br/vest2010/download/manual2010.pdf>> Acesso em: junho/2011.

Em termos de avaliação, a leitura da coletânea era igualmente valorizada, conforme observamos na comparação dos Manuais de 2010 e 2011. Em 2010, os parâmetros de avaliação eram, basicamente: (1) a leitura da coletânea, (2) o recorte temático, (3) o tipo de texto e (4) a articulação escrita; em 2011, (1) a leitura, (2) o propósito, (3) o gênero e sua interlocução, (4) a articulação escrita. Notamos que a redação do primeiro e do último itens é bastante semelhante e que, em 2011, os itens intermediários (3 e 4) atendem à mudança na solicitação. Mas faltam elementos que dêem clareza às “condições de produção”, como o contexto mais amplo social, histórico e cultural, o perfil do leitor..., ainda que se afirme, no Manual 2011: “os parâmetros de avaliação de uma redação são as próprias condições de produção que lhe são fornecidas”; mais preocupante, as expectativas em relação ao estilo - a articulação escrita, são as mesmas.

Concluindo

Conforme vimos inicialmente, o gênero organiza o enunciado, de forma tensa, do interior e do exterior do discurso, estabelecendo um nexos e uma inter-relação indissolúveis entre o verbal e o extraverbal do enunciado. Dessa forma, as atividades pedagógicas com gêneros têm o potencial de proporcionar ao aluno dos ensinamentos fundamental e médio a compreensão das relações entre língua e vida, na medida em que permitem o trabalho com amplas e diferentes esferas da atividade humana, e a retomada da cultura, da historicidade e da tradição do gênero, em conexão com a organização da vida social, o espaço e o tempo.

Uma das tarefas atribuídas à disciplina Língua Portuguesa no ensino médio é o preparo do aluno para os estudos acadêmico-científicos desenvolvidos na universidade, especialmente em termos do letramento multissemiótico nos diferentes gêneros; nesse sentido, ela exerce papel de destaque ante as demais disciplinas. Na esfera da atividade acadêmica, na qual o candidato pretende ingressar, ele será avaliado por meio de gêneros como os trabalhos de conclusão de curso (TCC), resenhas, monografias, dissertações de mestrado, entre outros. A ciência que possivelmente produzirá (ou repetirá...) será patrimônio da humanidade, mas seus interlocutores primeiros serão os professores. Haverá necessariamente nexos e inter-relação entre o verbal e o extraverbal

dos enunciados produzidos, ecoando a cultura, a historicidade e a tradição dos gêneros que povoam o mundo universitário, tanto mais relevantes quanto mais se relacionarem com a organização da vida social, o espaço e o tempo presente.

Com base nessa realidade, não seria o caso de retomarmos o gênero “dissertação escolar”, presente na atividade escolar no ensino médio, embrião daqueles que o aluno enfrentará na esfera de atividade acadêmica? Retomá-lo como *gênero*, com todas as implicações daí advindas, significaria ancorar o ensino nas práticas sociais da vida real - escolar e acadêmica. Isso não contribuiria para responder à preocupação bakhtiniana (e nossa, de educadores) com o desenvolvimento da linguagem real do aluno, a língua viva e expressiva da vida real, carregada de entonações valorativas? (BAKHTIN, 2004)

Com toda certeza, precisamos refletir a esse respeito. O conceito de gênero não pode ser banalizado, sob pena de tão-somente servir à substituição de uma proposta artificial de ensino por outra. Bem aplicado, contribuirá para que o aluno compreenda criticamente a íntima correlação língua e vida, e o diálogo entre as esferas ideológicas e discursivas nos diferentes campos da atividade humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética - A teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 3 ed. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1993, p.13-70. [1934-1935].

_____. O discurso no romance. *Questões de literatura e de estética - A teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 3 ed. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1993, p.71-210. [1934-1935].

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 261- 306 [1950-51].

_____. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar. Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 42, no. 6, November–December 2004, pp. 12–49. <<http://ematusov.soe.udel.edu/02%20Bakhtin.pdf>> Acesso em: setembro de 2011.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Forense-Universitária, 2008. [1963 revisão e complementação do texto de 1929].

_____/MEDVEDEV, P. N. The Elements of the Artistic Construction. In: *The Formal Method in Literary Scholarship. A critical introduction to sociological poetics*. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1978, 129-141. [1928].

_____ (VOLOCHINOV, V. N.). Relações entre a infraestrutura e as superestruturas. A interação verbal. In: *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1981, p. 39-47 e p. 110-127. [1929]

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *ALFA. Revista de Linguística*, 2012, v.56. Artigo aceito para publicação.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *PCN+Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

_____. Ministério da Educação (MEC). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

ROCHA, R. B. S. S. *A escrita argumentativa: Diálogos com um livro didático de português*. 2010. 193 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ROJO, R. H. R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: Um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, I. (Org.). [Re]Discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-108.

UFMG. Debate aborda a questão dos gêneros em livros e no processo de ensino. <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/016359.shtml>> Acesso em: junho/2011.

Recebido em 15/03/2012

Aprovado em 17/05/2012